

O branco sempre deu cores à paz. Nele se unem todos os matizes e credos. Mas a cor passa também a falsa ideia de que a paz depende tão somente da delicadeza e da candura, sugere que ela é o estado natural das coisas sem violência e não um objetivo que deve ser ativamente construído. Sob essa crença, já se realizaram diversas formas de protesto tão legítimas e comoventes quanto ingênuas e ineficazes.

Um dos aspectos do pacifismo que busca uma real transformação da sociedade é de fato a delicadeza de uma postura ética. É preciso compreender que a mudança parte de dentro, em uma abertura radical à autocrítica. Tolerância, crescimento a partir do contraditório, firmeza de ideais e princípios, ternura, respeito à liberdade e à vida. Mas não só. O aspecto político tem que estar presente: ação, persistência, inquietação, organização, trabalho.

Seria ingênuo crer que a simples denúncia e expressão indignada bastam. A injustiça não se comove com o que não a desafia, não se resolve apenas no sentimento de compaixão. Ela emana do automatismo de uma estrutura social em que a vida perde valor, a violência se banaliza e se cometem atrocidades não necessariamente por maldade, mas por obediência à repetição e à descrença.

O verdadeiro inimigo do Pacifismo Negro não é a injustiça, portanto. É a ignorância que a alimenta. Nossa proposta, assim, é amar a justiça ao invés de odiar a injustiça.

Não é apenas sensibilizando pessoas que superaremos nossos males, mas trazendo-as para a defesa de seus direitos que imponha transtornos persistentes à (des)ordem injusta. São necessários desafios políticos ativos, através da desobediência civil, não-cooperação e não-violência, que questionem amplamente as injustiças e estimulem a ação.

Escolher o negro é subverter associações fáceis e acríticas. Um novo mundo requer novas formas de pensar. A luz não deve vir de fora, mas de dentro. O branco, cor de todas as respostas, é ofuscado pelo negro, que enseja a criação de luz própria a partir da reflexão e da emancipação. Pois negra é a raiz da liberdade.

Nessa forma de pensar, não sejamos escravos das oposições. A escuridão pode dar a luz, no ventre da emancipação, e a luz, a escuridão, na ignorância do totalitarismo. O policial pode ser manifestante, no clamor pela desmilitarização, e o manifestante, policial, na injustificável barbárie de um justiceiro. A violência de um caveirão invoca a paz hipócrita e a verdadeira paz pode violentar uma ordem injusta pela transformação.

E sem violência física.

¹ Graduando em Relações Internacionais na PUC-Rio e Comunicação Social na UFRJ. Artigo publicado na Revista on line - **Liinc em Revista**, publicação do Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento, 2014.

Não devemos enfrentar a opressão com o que nos confunde, mas com o que nos diferencia dela. Só essa atitude pode ser verdadeiramente libertadora.

Sem ingenuidade e com o sacrifício que a causa requer: paz não é ausência de guerra, mas presença de justiça.

Tática

O Pacifismo Negro é uma proposta de tática de protesto expressamente não-violenta, mas fundamentada na provocação contundente à injustiça de supostas ordens. “Supostas” pela simples ideia de que só pode haver ordem se houver justiça. A tática se dá pelo desafio político, lançando mão de métodos como a desobediência civil, a não-cooperação e a não-violência para entravar o normal funcionamento de uma (des)ordem e incentivar o levante popular contra dadas injustiças.

Após fenecerem com o gradual silenciamento promovido pela mídia corporativa, acreditamos que esses métodos podem ser retomados diante do advento e popularização de novas mídias. A seguir começamos a esboçar alguns de seus princípios.

Identidade estética

Aquele que pratica a tática negro-pacifista não porta nenhum signo diferenciador. O que o identifica é a crença nos métodos provocadores e pacíficos, a firmeza em seguir uma disciplina moral não-violenta e a determinação em desafiar a injustiça onde quer que ela se encontre. As ações também servem de reconhecimento quando se desobedecem leis absurdas e se infringem normas abusivas. A estética, contudo, é um aspecto imprescindível. Meios inovadores, criativos e inesperados despertam mais simpatia, ao permitir a desestabilização de pré-concepções, novas formas de afeição, e conseguem maior adesão do que métodos repetidos e desgastados. Por isso mesmo, eles só podem ser definidos caso a caso, de acordo com a especificidade de cada protesto.

A campanha contra os tecidos ingleses na Índia, por exemplo, assumiu a forma de boicote e queima de roupas britânicas, enquanto a campanha do sal consistia na produção local da especiaria. No Brasil, temos o caso recente dos garis, que deixaram as ruas infestadas de lixo, como mensagem muito clara de sua importância e necessária valorização. E os futuros desafios terão que encontrar seus próprios meios com criatividade, o que não falta em nossa cultura. A horizontalidade é outro aspecto. Por isso, elementos que se apropriem da imagem da multidão, como bandeiras, ou centralizem o discurso, como carros de som, tenderiam a ser evitados.

Luta na dimensão da consciência

A demonização de quem quer que seja é o primeiro passo para a incompreensão e a intolerância. Ela cria falsas inimizades. A luta é contra o ódio e não contra pessoas. “Os únicos

demônios neste mundo são os que perambulam em nossos corações, e é aí que as nossas batalhas devem ser travadas", disse Gandhi. Talvez possamos evoluir se ao invés de apenas acusar pensemos em que medida somos também responsáveis e como podemos lutar para que aquilo que criticamos não se repita. Isso é travar batalhas contra nossos demônios ao invés de espelhá-los em inimigos.

Quando atacamos ou desqualificamos cegamente policiais, jornalistas ou manifestantes, não estamos lutando contra o ódio, mas a favor dele, alimentando-o nesses que consideramos equivocadamente inimigos - e em nós mesmos. O verdadeiro inimigo é o ódio que os habitam e sempre pode nos habitar. Isso não significa que devemos reprimir sentimentos como a raiva, mas nos conscientizar deles para medir suas consequências e nos transformar. Nessa luta na dimensão da consciência, que por toda parte se levante a névoa do questionamento para um movimento irrestrito de solidariedade, autocrítica, reflexão, ternura e evolução.

O poder da não-violência

Como toda luta, haverá dor. Ser agredido sem revidar lesiona o corpo. Lesiona ainda mais, contudo, a consciência de quem agride, enquanto fortalece a de quem se sacrifica ou presencia o sacrifício. Nada fere mais o agressor do que a impotência de ter seu poder desprezado. *"Se o seu inimigo lhe bate na face direita, ofereça a face esquerda"*. Dar a outra face para que perante os outros a injustiça seja evidente, o agressor se conscientize da própria covardia e se abra a possibilidade da mudança pelo exemplo, para as demais pessoas, e pelo constrangimento, para o opressor. A coragem e determinação demonstrada enquanto nos expomos aos golpes sem revidar, convictos de nossa causa, desperta algo na natureza humana que leva todos a refletirem sobre a justiça demandada.

Nessa luta, o que está em jogo não é apenas o respeito ao cidadão. É o direito de participarmos das decisões que dizem respeito a nossas vidas. É o dever de agirmos de acordo com o que acreditamos. É a integridade humana na harmonia entre crer, pensar e agir. É a vida digna. E só terão nossa dignidade se a entregarmos, se voltarmos a viver de cabeça baixa, na crença absurda de nossa impotência. A vontade e o espírito, nossos bens maiores, jamais podem ser tomados sem nosso consentimento e sobrevivem aos nossos corpos.

A justiça de nossa causa e eventuais agressões que sofreremos despertará a indignação de outras vozes que virão se juntar nas ruas, em uma crescente constante. Desde junho de 2013, a comoção em torno das manifestações se deu quando fomos vítimas e não agressores. O ato de sofrer a injustiça da repressão será sua denúncia e condenação. A estrutura repressiva do Estado perderá legitimidade e se abalará de uma maneira que nenhuma violência física é capaz. Ao invés da força, a repressão será a fraqueza do Estado. Iremos subverter sua arma e torná-lo impotente. Então só restará aceitar a justiça como resposta.

A partir do termo hindu "Ahimsa", Ganhi reflete sobre a não-violência:

"Trato de amolecer a espada do tirano, não cruzando-a com um aço mais afiado, mas defraudando sua esperança ao não oferecer resistência física alguma. Ele encontrará em mim uma resistência da alma, que escapará de seu assalto. Essa resistência primeiramente o cegará e em seguida o obrigará a dobrar-se. E o fato de dobrar-se não humilhará o agressor, mas o dignificará."

A não-violência pode ser usada por todos?

Há de se reconhecer com cautela e responsabilidade que as implicações desta estratégia são distintas para pessoas situadas em lugares diferentes de nossa sociedade. Exercitamos diariamente a insensibilidade a atrocidades sofridas por certos setores sociais. O risco à vida de um negro favelado, por exemplo, desperta menos comoção que a de um estudante de classe média. Para que a tática não-violenta seja eficaz, é preciso deslocar essa expectativa violenta com a mescla desses setores, pois se apenas os setores mais desprivilegiados sofrem voluntaria e isoladamente a violência, pouca comoção será despertada. O mesmo vale para populações interioranas, autóctones e indígenas, distantes da visibilidade metropolitana. Assim, o risco ao se lançar mão da não-violência é proporcional à distância que se tem dos centros de poder urbano e social e sua eficácia será maior se usada por setores privilegiados mesclados ou não com desprivilegiados, havendo responsabilidades comuns, porém diferenciadas a respeito da não-violência entre esses diferentes segmentos.

Desobediência Civil

Se uma lei é injusta, temos o dever de desafiá-la sem trégua. Esse é o pilar da ideia desenvolvida por Thoreau. Segundo suas palavras, "cultivar o respeito às leis não é desejável no mesmo plano que o respeito aos direitos". E *"a única obrigação que temos o direito de assumir é fazer a qualquer momento aquilo que julgamos certo"*. No mesmo tom, disse Martin Luther King Jr: *"uma pessoa não tem uma obrigação legal, mas moral de seguir leis justas. Pelo contrário, uma pessoa tem uma obrigação moral de desobedecer leis injustas."*

A desobediência é um direito. Para quem busca viver com justiça e integridade, porém, ela é mais do que um direito: é um dever. A única referência absoluta que devemos ter, portanto, é nossa consideração da justiça. Com a visão clara de onde ela se manifesta ou não, nossa consciência nos impõe o dever de agir de acordo com ela. Não fazê-lo é demonstrar má fé e os efeitos degradantes desse ato se revertem contra nós mesmos, em pessoas inanimadas, desacreditadas e sem autorrespeito.

Desacreditaremos toda repressão do Estado mostrando sua loucura. Será terrorismo o ato de se manifestar? Vamos às ruas. Usar máscaras? Baile de Carnaval. Estar no perímetro de estádios durante a Copa sem ingresso? Mais um rolezinho. Ser proibido sob pena de multa de passear no shopping? Idem. Gás lacrimogênio e spray de pimenta? Suportemos sem nos resignar. Tarifa abusiva no transporte público? Pulemos a roleta. Mas para que isso não caia

em uma mera teimosia individual, é preciso que conheçamos nossos direitos e levemos essa consciência à sociedade. Levantarmo-nos e lutarmos por eles juntos, como disse Bob Marley, que também afirmou ser a principal arma do Estado não as leis, mas nossa ignorância das leis. Que tenhamos todos consciência de nossos direitos, para cobrá-los com firmeza, autoridade e convicção, e principalmente com a força e pluralidade da multidão.

Não-Cooperação

A ideia é simples: os governantes precisam dos governados para governar. Sem nossa cooperação e obediência, governar é impossível. Só isso explica como meia dúzia de políticos consegue se impor a uma população de 15 milhões no Rio. É porque obedecemos e cooperamos que eles conseguem implementar medidas, aumentar tarifas, orientar investimentos, arrecadar impostos.

Cooperamos quando aceitamos pagar uma tarifa absurda de transporte público sem reclamar. Cooperamos quando assistimos calados a desvios colossais de dinheiro público para a Copa do Mundo em vez de direcioná-los para educação e saúde. Cooperamos quando resolvemos pagar um plano de saúde ou uma escola particular em vez de exigir escolas e hospitais públicos com profissionais valorizados e acesso universal.

E não cooperamos quando vamos pras ruas, quando ocupamos espaços públicos, quando pulamos a roleta, quando gritamos que não vai ter Copa enquanto não houver direitos.

Os abusos acontecem porque os deixamos acontecer. O que vai acontecer no dia em que as pessoas se recusarem a obedecer?

Mídia: alternativa e tradicional

A mídia alternativa tem papel crucial nessa tática. O *streaming*, transmissão ao vivo a partir de celulares, é uma revolução ainda subestimada. É ela que testemunhará e reportará as injustiças tão presentes no coração de quem as sofre. É ela que fornecerá as provas da justiça de nossos atos e ideias. À semelhança do *streaming*, as redes sociais também foram revolucionárias. O poder de articulação, discussão política e aproximação que elas possibilitaram facilitou a organização dos atos, a conscientização e a denúncia das arbitrariedades. Elas ainda evidenciaram manipulações da mídia tradicional, inaugurando, nessa coexistência, uma nova fase do jornalismo. Diversas vezes, foram as redes sociais que pautaram as grandes empresas de comunicação, inclusive fornecendo - nem sempre voluntariamente - as imagens dos atos e dos abusos.

Com as potencialidades abertas pelas novas mídias, é possível que estejamos em um momento de resgate da desobediência civil pacífica. Nos EUA, o movimento por direitos que atuava com métodos não-cooperativos e não-violentos, após décadas de vitórias, foi sufocado nos anos 90. Os jornais silenciaram, deixaram de noticiar os abusos impostos por policiais aos manifestantes, que perderam sua sustentação política. Com o surgimento de mídias que

desafiam esse monopólio da informação, forçando e agindo na prática de sua democratização, não será tempo de resgatarmos a não-violência?

O uso da mídia alternativa não significa que tenhamos que abandonar a mídia tradicional. Significa apenas que não somos mais reféns dela. Ela ainda pode ser útil na ampla veiculação de nossas ideias. Sua dependência de nós, leitores, audiência e fontes de notícia, pode ser usada para pressionarmos por matérias mais imparciais que revelem em larga escala a justiça de nossas causas e métodos.

O próprio Gandhi sabia que não bastava dar a outra face. Isso desperta, de fato, a centelha da conversão do opressor, mas esta só se realiza na ampla denúncia, que irá expor sua vergonha e convocará às ruas a indignação. O líder da independência indiana, por isso, articulou com inteligência sua influência e talento para propagar no parlamento britânico e em jornais as injustiças sofridas pelo seu povo.

Institucionalidade, partidos políticos

A postura da tática diante da institucionalidade é antes de tudo crítica. Reconhecemos o poder de cooptação da institucionalidade, que pode condenar ao conservadorismo até os movimentos mais combativos. Por outro lado, não devemos negar a institucionalidade em si. Embora propositalmente falha, essa institucionalidade ainda nos garante direitos, ainda que abaixo do mínimo. É ela que impede a onda de prisões, tortura, perseguições e assassinatos que ocorreram na ditadura militar com quem quer que discordasse dela. Isso não significa que isso não siga acontecendo. Mas em um nível muito menor. Todos que estamos nas ruas já teríamos provavelmente sido assassinados ou torturados caso estivéssemos em uma ditadura declarada.

A crítica se estende ao voto. Dá-se a ele um peso excessivo, como se fosse a solução para todos os problemas. Infinitamente mais importante, porém, é a participação, pressão, fiscalização, denúncia, conscientização, debate, aprendizado. Um sistema representativo só pode ser democrático se houver participação. Quanto maior a participação e menor a necessidade de representação, melhor. O objetivo do movimento popular deve ser a melhoria social e não a eleição de qualquer político para a melhoria social.

O Pacifismo Negro, assim, se desenvolve à margem dos partidos políticos. Eles só importam para o movimento na medida em que nosso foco é a participação ativa do povo nos rumos de sua cidade e seu país e não a representação institucional. Nossa relação com partidos políticos, portanto, é de respeitosa indiferença. É bom lembrar: indiferença não significa repúdio, da mesma maneira que não significa exaltação.

O símbolo pacifista

Muitos protestos já adotaram uma tática pacifista. No entanto, esses atos, ainda que criativos ou diferenciados, foram silenciados pela mídia, não tiveram grande repercussão e

consequentemente a adesão a eles foi menor do que poderia ser. Há quem argumente que, justamente por serem pacíficos, esses atos não tiveram repercussão. Pensamos diferente. Dentre os fatores para a pouca repercussão, pode-se citar que eles se limitaram a pessoas ou atos isolados, não representaram um desafio político contundente à injustiça da ordem, apostaram em métodos repetitivos e pouco surpreendentes ou caíram na armadilha da violência quando a polícia atacou, perdendo sua legitimidade.

A não-violência deve ser uma tática constante, deve integrar campanhas de mobilização e não ser restrita a poucos atos ou posturas individuais. É preciso que todos os protestos que apliquem esses métodos se reúnam em torno de um conceito, um símbolo e um movimento amplo, de fácil reconhecimento. Dessa forma, caso haja violência, todos saberão que ela terá sido cometida exclusivamente pelas forças de repressão. Não se cairá na armadilha do "foram eles que começaram". E o movimento crescerá quanto mais reprimido, desafiador e persistente for.

É a isso que o Pacifismo Negro se propõe: a reconquista da legitimidade dos protestos a partir de uma abordagem expressamente pacifista, mas nunca passiva.

Conclusão

O Pacifismo Negro é um exercício de se pensar em um movimento que desenvolva as potencialidades políticas, morais e espirituais da tática não-violenta e de antecipar os múltiplos desafios com os quais ele poderia se defrontar. O nome ou a origem desse movimento é menor se pensada a necessidade de sua existência. É ainda um processo em formação e seu compartilhamento é parte fundamental de sua eventual maturação.